

JOSÉ RODRIGUES MAIO “O CEGO DO MAIO”

8 Outubro 1817 / 13 Novembro 1884

Destaque Bio-Bibliográfico nos 190 anos do seu nascimento

CEGO DO MAIO - A LENDA VIVA DO PESCADOR POVEIRO

Por José de Azevedo

Nasci a meia dúzia de passos da casa onde morreu. Conheci e convivi com seus familiares próximos. Tínhamos em comum o feiro da Lapa, a janela sobre o mar e as estremundes. A minha infância povoou-se de histórias e de lendas sobre José Rodrigues Maio, o heróico pescador poveiro conhecido pelo “Cego do Maio”.

Os pescadores meus vizinhos, nas tardes soalheiras de domingo ou entre dois jogos de cartas à revessa de qualquer embarcação varada, tinham como mote obrigatório de conversa as aventuras do “Tio Maio”, um tronco de homem, forte e “largo de ossos”, tão rude como humilde, tão áspero como dócil, tão bruto como meigo. A esse respeito, sobre essa multiplicidade de comportamentos, contavam algumas inofensivas anedotas.

José Rodrigues Maio, filho do pescador António Rodrigues Maio e de Ana Rosa Margarida, nasceu na Rua dos Ferreiros, Póvoa de Varzim, a 8 de Outubro de 1817. Sessenta e sete anos mais tarde, a 13 de Novembro de 1884, pelas 10 horas da manhã, falecia serenamente rodeado pela família na sua casa, n.º 207, na Rua da Areia (hoje 31 de Janeiro), a cujo último troço (da Igreja da Lapa até ao limite sul do concelho) se chamava, na gíria popular, de Poça da Barca, por analogia com a área de Vila do Conde que se seguia.

A confusão com esse topónimo deu origem a muitas imprecisões sobre a naturalidade do heróico pescador poveiro, induzindo mesmo alguns etnógrafos e historiadores menos criteriosos a erros grosseiros.

Pescador sardineiro, filho de pescadores, a viver em frente ao mar, observando e dialogando com ele o dia inteiro, José Rodrigues Maio, o “Tio Maio”, como era carinhosamente tratado na comunidade piscatória, conhecia-o como “a palma das suas mãos”. Um mar calmo e bonançoso e, ao mesmo tempo, perigoso e traiçoeiro para as frágeis embarcações de vela e remos que demandavam a praia da Póvoa.

Recordemos que no tempo do “Cego do Maio” não havia porto de abrigo nem embarcações salva-vidas. Tudo o que de trágico acontecesse no mar, o pescador só podia contar com a “Providência Divina” ou a solidariedade dos seus camaradas de classe. Barco em perigo estava entregue ao destino.

José Rodrigues Maio sabia isso. Testemunha de um sem-número de naufrágios, sentia a insegurança do homem do mar como ninguém. Profundamente humano, devoto fervoroso de Nossa Senhora da Assunção, confiando na sua destreza e destemor, ele era o primeiro a saltar para a água tentando salvar vidas em perigo. Para aquele pescador raçudo e possante, o salvamento era cumprimento de dever.

Quando via ou previa algum naufrágio, indiferente ao estado do mar ou do tempo, “Cego do Maio”, acompanhado dos seus filhos Manuel e Francisco, atirava a sua pequena catraia mar dentro, perante o olhar atónito dos seus camaradas e gritos de dor dos familiares. Salvar os naufragos era a sua “cegueira”. Uma aventura que mais nenhum da sua classe se atrevia já que o “mar cão” era prenúncio de morte certa.

Na sua pequena catraia, o tio Maio, arriscando a sua vida e de seus filhos (que sempre o acompanharam), salvou cerca de 100 vidas. Salvamentos só pelo prazer de ser útil, desprezando agradecimentos e honrarias.

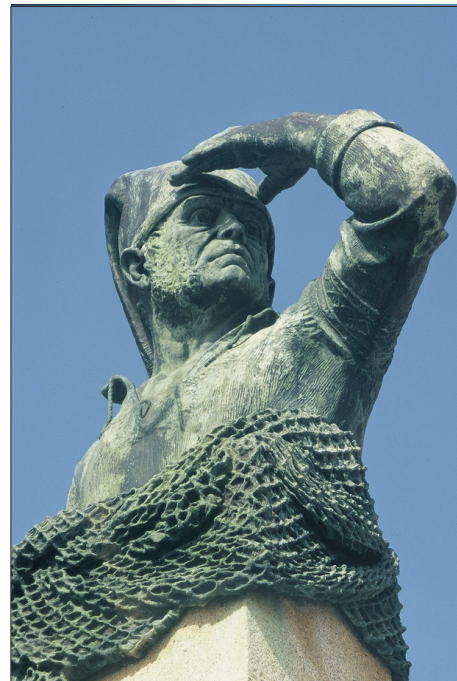
Há quem diga que a alcunha “Cego do Maio” está ligada a esse desprezo pela vida, a essa cegueira de ajudar o próximo, atirando-se “às cegas” pelo mar dentro. Há quem defenda, porém, que José Rodrigues Maio teria uma belida num olho, as pálpebras de um olho um pouco descidas, daí a alcunha popular.

Os seus feitos, a quem ele respondia com um encolher de ombros, com uma humildade cativante, enchiam páginas das selectas das escolas (Livros de Leitura para a Instrução Primária), como dos jornais do Porto e de Lisboa.

Pela sua bravura, Pereira Azurar, presidente da Câmara e seu grande amigo pessoal, em 14 de Maio de 1881, nomeia-o patrão do primeiro salva-vidas poveiro. Foi a maior honraria que poderiam ter dado ao heróico homem do mar. [...]

A Câmara da Póvoa de Varzim, na sua sessão de 17 de Novembro de 1884, lançou um voto de pesar pela perda do “Cego do Maio”, chamando-lhe “o maior amigo desta terra, incontestavelmente um dos mais honrados e prestimosos dos seus filhos, não deixando substituto que possa atingir à sua gigantesca altura”.

Na altura a Câmara de Esposende associou-se ao luto da Póvoa “pela perda irreparável do Benemérito da humanidade”.



Pormenor do Monumento Cego do Maio

aprestes poderam ser salvos, porque o barco submergiu-se com tudo quanto tinha dentro em si, logo que os primeiros vagalhões lhe caíram em cima, ficando á mercê das vagas, que eram alterosas, os seis infelizes pescadores que o tripulavam, os quaes alli pereceriam irremediavelmente se não fossem extremos de dedicação. Presenciamos em esse momento angustioso, em que as mulheres aninhadas sobre a praia soltavam gritos de dor que atordiam o espaço, um facto que revela, com uma evidencia notavel, a suprema coragem, a coragem inexcedivel, pasmosa, praticada por um homem, que se deveria chamar antes um gigante! Esse homem, verdadeiramente heroe, ven o os infelizes naufragos vogarem ao cimo d'agua, servindo de joguete ás ondas que os iam em breve tragar, e não lhe consentindo a alma ver tamanho desamparo, lança mão do seu pequeno barco, (um *cahi-que*, como aqui lhe chamam) mette dentro d'elle alguns de seus filhos e genros, e ell'o impavido e destemido, affrontando com uma coragem inaudita o mar procelloso, cujas ondas o seu barquinho galga com a velocidade do raio, em direcção a esses desgraçados que se debatem nas ultimas agonias d'uma morte affrontosa e inevitavel, conseguindo salvar alguns d'esses infelizes que um momento mais de demora faria sumir para sempre nas entranhas do revoltó mar!

Este homem, que todos admiramos pelo seu heroismo e abnegação, chama-se José Rodrigues Maio, mais conhecido pelo de *Cego de Maio*, pescador d'esta villa, que, por eguaes lances, sempre perigosos e arriscados, em que sacrifica á sua vida já avançada, tem merecido que a municipalidade régia lhe haja exornado o peito com tres medallas de prata, cujos diplomas encerram expressões de um preço inextimavel.

Os prejuizos são calculados em 100\$000 reis.

Os naufragos um dos quaes era de Vianna, acham-se livres do perigo das feridas que receberam n'este lamentavel sinistro.

Naufragio e dedicação

No dia 8 do corrente naufragou na barra d'esta villa, um barco de pesca tripulado por seis homens, vindo do porto de Vianna. O barco, que era pequeno, pertencia a José da Silva Sencadas, o *Lirio*, pescador d'esta villa.

Nem o barco, nem os seus

Naufragio

N'um dos dias da semana finda, naufragaram dous barcos de pesca, um na barra d'esta villa, e outro nas Cachinas, junto ao penedo da Torcada, não havendo, felizmente, perda de vidas a lamentar. Os tripulantes do primeiro barco sossobrado na barra d'esta villa, foram corajosamente salvos pelo José Rodrigues Maio, pescador, d'esta villa, mais conhecido pelo appellido de Cego do Maio, por cujo valor tem sido varias vezes condecorado.

Os tripulantes do segundo barco naufragado na Torcada, conseguiram salvar-se a nado; mas chegaram a terra tão exhaustos de forças, que se não fossem auxiliados certa-

mente pereceriam. As redes e mais aprestes dos barcos foram barridos pelo mar, que apenas lançou em terra os cascacos dos barcos sossobrados.

Pobre e infeliz gente que tudo os persegue!

In: Naufrágio. *A Estrella Povoense*. Póvoa de Varzim: Estrella Povoense, II Ano, nº104 (9 Fevereiro 1879), p. 1-2.

In: Naufrágio e dedicação. *Estrella Povoense*. Póvoa de Varzim: Estrella Povoense, II Ano, nº61 (14 Abr. 1878), p. 2.



In: Viagem da família Real ao Porto. **Ocidente**.
Lisboa: Empresa Ocidente, 4º Ano, Vol. 4, nº
108 (21 Dez. 1881), p.285.

PARA A HISTÓRIA DA POVOA

Por Cândido Landolt

“Eu, do Cego do Maio, tenho a *agulha*, e o *muro* com que elle fazia as suas rêdes.

Venero essas reliquias por terem sido d'um grande que, no meu entender, subiu acima de homem – foi um carinhoso Santo! E que outra cousa hei-de eu chamar a quem praticou os actos de maior bravura, de maior abnegação e de maior altruismo, estando sempre prompto e decidido a morrer pelos seus companheiros sem outra recompensa que não fosse as benções da Providencia?

Contar as vidas que elle salvou? Como e quando? – De 39 pessoas sei eu que elle arrancou do abysmo! Mas elle praticou um acto de tamanha grandeza, que para aqui o traslado do “Commercio do Porto”, jornal da maior reputação e seriedade, o que de Cego do Maio ha mais de 27 annos publicou:

«Nunca receava o perigo, e ainda ha poucos dias, quando o grande rôlo do mar, e a arrebentação na costa da Povoia, expunham o perigo imminente mais de 200 lanchas da pescaria (entrando a do Cego do Maio n'esse numero), apenas devido á sua coragem e pericia, pôz pé em terra na Cachina, correu para o sitio do salvavidas, que até então se conservava immovel, reconhece o grande perigo: nem choros nem lagrimas o detéem, e apenas entra dentro do fragil lenho, encontra companheiros aventureiros, dirigem-se para a barra, transpõem-n'a, e dirigindo o rumo dos infelizes pescadores, extenuados pela anciedade, pelo trabalho e pela fome, guia para dentro da barra 60 lanchas, com cerca de 700 tripulantes, e é elle o ultimo que abandona o posto d'honra, quando já tinha escurecido!»

O Cego do Maio foi um heroe, a sua alma foi a de um crente, as suas cinzas são as de um carinhoso Santo.

Creanças pequeninas, filhas do amor e da innocencia, amigas da nossa irmã Agua e queridas do nosso irmão Sol, - quando passardes pela beira da estatua ou das cinzas do Cego do Maio, reverenciae a memoria d'esse grande coração immaculado e santo, d'esse generoso e extraordinario benemerito que foi o assombro de toda a gente do seu tempo.

Assim como sae da alavanca a potencia, que brote dos vossos tenros coraçãoes a veneração e o respeito pelo heroe. Aprendei e decorae a epopeia homerica d'este homem, que não conheceu a vaidade nem aspirou grandezas. Nasceu humilde, viveu pobre e morreu com toda a serenidade d'um justo. Outro que em igualdade de circumstancias hoje vivesse, seria irmão da ambição e companheiro de ridiculas pretensões, pedia aos jornaes uma noticia do dia dos seus annos, ou de quando fosse tratar de negocios ao Porto, atravessava como um pavão as ruas da villa, e trazia debaixo do tacão a sombra do seu semelhante.

O Cego do Maio nunca se deslumbrou pelas mais altas recompensas que lhe concederam, - com a alma santissima e pura de benemerito, foi simplesmente uma unica coisa - uma gloria da nossa terra.”

CONDECORAÇÕES

Por Cruz Malpique

“Medalhas de prata, cinco lhe foram concedidas como prémios ao Mérito, Filantropia e Generosidade de que deu provas flagrantes.

Por igual motivo lhe foi concedida por D. Luís, a Medalha de Ouro, a 10 de Agosto de 1882.

São do «Requerimento» dirigido ao Rei, e escrito por Oliveira Martins, por procuração dos Poveiros, as palavras seguintes:

«...Tais são Senhor, os selvagens vosso súbditos, de que uns exemplares figuraram com os seus fatos de flanela branca e o seu gorro vermelho na procissão camoniana. O mais célebre dentre eles é o Maio, que ao lado de Vossa Majestade foi condecorado pela Humanitária do Porto.

Ora as condecorações Senhor, são como as esmolas e os discursos: não se lhe exagere o valor! Estão no seu lugar como consagração ou complemento das coisas, mas tornam-se um escárnio, até uma indignidade, quando se quer com elas evitar o cumprimento dos deveres. Condecorado o Poveiro que tem salvado tantos naufragos sem dar um passo para evitar a causa dos naufrágios, é um proceder que nem a justiça, nem o bom senso mais elementar aprovam».

São do mesmo «Requerimento dos Poveiros», publicado no *Jornal do Comércio*, de 22 de Agosto de 1882, as palavras que vamos ler:

«Não basta que ao peito do Maio se pendure a Medalha de Honra, [...] é necessário que, na praia da Póvoa, construam molhos de abrigo – exactamente para não haver mais naufragos a salvar, nem mais Heróis a enobrecer».

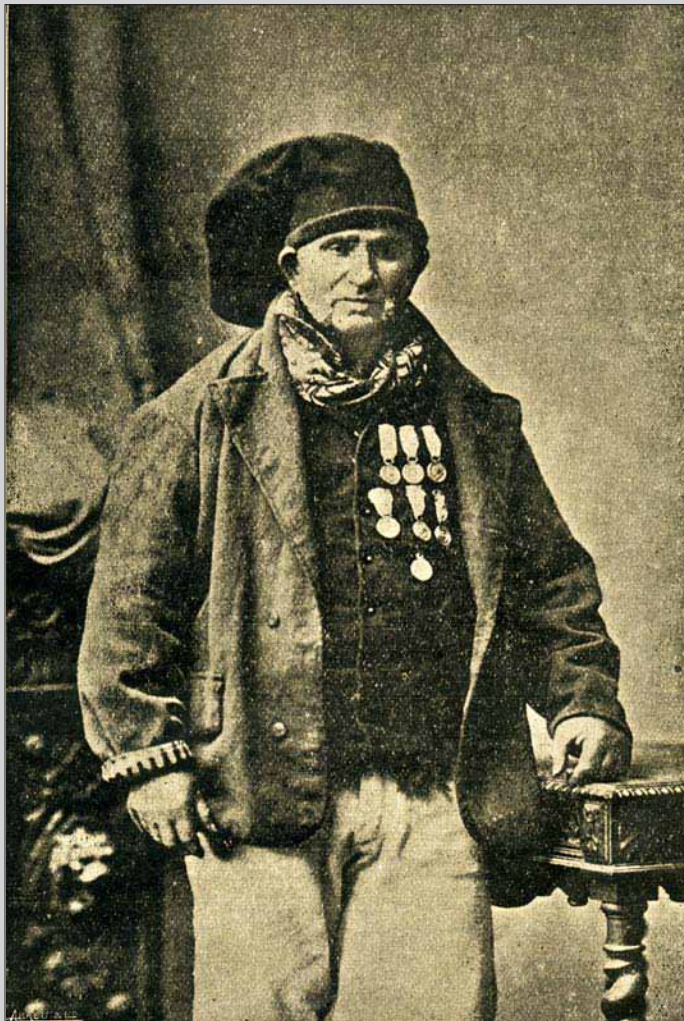
José Rodrigues Maio, que era analfabeto, alegava, muito senhor de si, que sabia falar ao Rei.

A família real veio ao Norte, na altura em que Rodrigues Maio era condecorado com a Medalha de Ouro. Recebeu-a no Paço dos Carrancas, hoje Museu de Soares dos Reis.

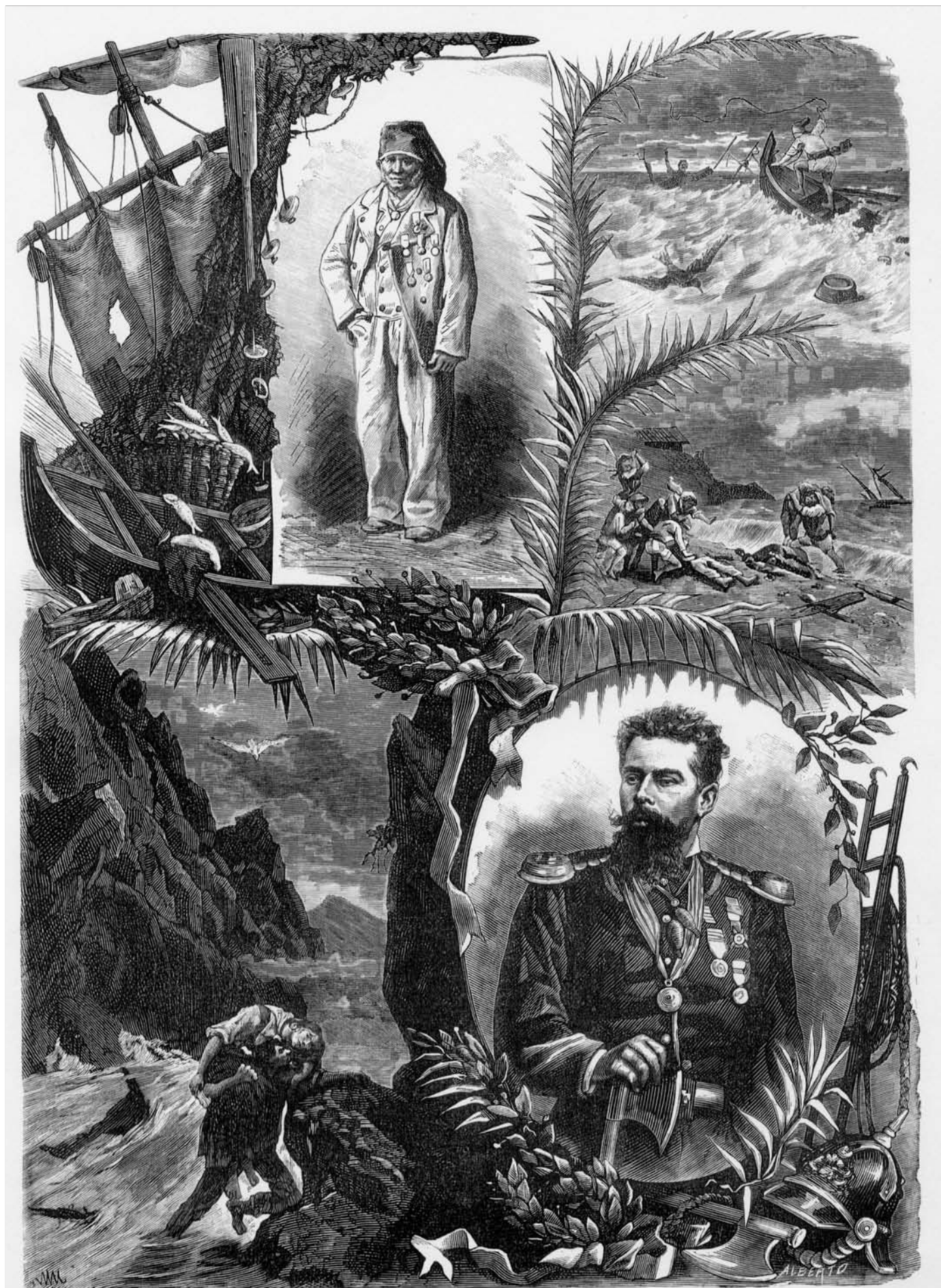
Foi nessa altura que Maio ofereceu ao Rei um cofre forrado exteriormente de conchas. Virando-se para o Rei, disse-lhe: «Trago aqui uma lembrança para Vossa Majestade»; e entregando o cofre ao escudeiro, recomendou-lhe: - «Leve, leve lá para cima e dê-o à Senhora do meu mando».

A Senhora era a Rainha D. Maria Pia.”

In: MALPIQUE, Cruz – O pescador poveiro José Rodrigues Maio. Um paradigma de abnegação e coragem. **Póvoa de Varzim Boletim Cultural**. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, Vol. XXIV, nº1 (1986), p. 8 e 9.



In: LANDOLT, Cândido – O meu Pantheon: para a história da Póvoa: Cego do Maio. **A Póvoa de Varzim**. Póvoa de Varzim: João Agostinho Landolt, 1º Ano, nº3 (1ª Quinzena Novembro 1911), p. 3.



O PESCADOR JOSÉ RODRIGUES MAIO E O CABO DE BOMBEIROS SIMÃO DA COSTA PINHO (Vide artigo, Viagem da Família Real ao Porto)
(Composição e desenho de Manuel de Macedo)

O COMMERCIO

Assinaturas:—Anno, 18500 reis; Seis mezes, 600.
Pelo correio:—Anno, 18500 reis; Seis mezes, 750, Brazil;
Anno 115000 reis (moeda fraca.)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo de S. Roque, 1, 5 e 6
POVOA DE VARZIM

Da Povoia de Varzim

Director e proprietario—Antonio dos Santos Graça

Publicações:—Comunicados, linha 40 reis Annu-
cios, temporarias, 40 reis linha; permanentes até 1 1/2 de
pagina 2. 500 reis; além deste espaço, contracto especial.
Os assignantes gozam o desconto de 25 o/po. Publicações liti-
terarias, gratis em troca d um exemplar á redação.
Composto e impresso na typographia do "Comme-
cio da Povoia de Varzim"—Largo de S. Roque

A Homenagem

LEVANTAR do esquecimento do tumulo e perpetuar na eternidade do bronze a mascara d'esse rude poveiro que abrigou um coração d'ouro, d uma generosidade arfante, vasta e infinita, como o grande mar vira nascer e que lhe embalara a vida, e não só saldar uma divida sagrada, mas tambem dar ao paiz uma lição de estremeceido e alevantado civismo.

E' com effeito o ensinamento eloquente de que por muito humildes que sejam os homens, tanto maiores podem ser as suas virtudes e os seus feitos, e, perante a justiça da historia, só estes e aquelles valem e se impõem para dar ao seu vulto o devido relevo e promover a merecida consagração da posteridade.

A Povoia de Varzim cumpre um inequivoco dever de gratidão originada das lagrimas ardentes d'aquelles que, pela sua divina abnegação, o sublime Cego do Maio resuscitou, arrebatando-os á colera implacavel e amarga do oceano, depois d'uma lucta titanica, com a raiva espumante da onda, em que sempre sahiam victoriosos a sua coragem leonina e o seu braço heroico e potentissimo.

Não ha-de ser desagradavel á sua memoria a homenagem dos seus conterraneos, tanto mais carinhosa quanto lhe votam a face á eterna caricia da brisa maritima, como se fazia entre o povo dos deuses, olhando a praia d'onde tantas vezes partira, n'uma abalada épica e doida, dentro d'uma fragil casca de nóz, para arrancar o seu semelhante ao negro sorvedouro do abysmo e da morte e restitui-lo seguidamente á luz da vida, á luz do amor.

Fica bem ali, á vista do olhar bom e affectuosos dos seus companheiros na labuta incerta da agua, sob as bençãos do céu e escutando os elogios e os hymnos do Atlantico, onde se fez a sua grandeza d'heroie e se desenvolveu o seu illimitado humanitarismo de santo.

25—VIII—909

MANOEL MONTEIRO



A Povoia de Varzim, berço do nosso glorioso Eça de Queiroz, consagrando, hoje, a memoria involvidavel de José Rodrigues — que a alma popular alcinhou, o Cego do Maio — com um monumento simples, mas commovedor pela Ideia que representa, presta uma sincera e delicada divida de gratidão ao humilde filho do Povo que, pelos seus actos heroicos e nobres, foi um aristocrata do sentimento.

Povoia, Agosto, 1909.

Olga Moraes Sarmento da Silveira



A ESTATUA

A veneração dos mortos é uma das mais doces e sublimes virtudes dos povos. Venerar, pois, os que atravessam a vida, impondo-se pela grandeza do seu coração, pelo brilho da sua intelligencia ou pela inquebrantabilidade do seu querer, é, além d'uma doce e sublime virtude, um grato e indeclinavel dever.

Assim, a inauguração d'hoje, sendo, como é, o cumprimento, embora modesto mas sentido, d'esse dever, tem um duplo e altissimo significado:—vale pelos feitos do Benemerito, que commemora, e pelos extremos de gratidão, que exteriorisa.

Honra, pois, a todos os que promoveram e cooperaram em obra tão profundamente justa, como alevantadamente patriótica.

Monumentos ha, que definem um povo. A estatua do Maio, a meu ver, só servirá para nos dignificar.

Povoia, 27 d'agosto

ANTONIO SILVEIRA

A' Povoia

O culto que a Povoia de Varzim, n'uma tocante communição de sentimentos, vota aos seus filhos illustres, os carinhos e as solididades com que os acompanhava pela vida fora, e depois, na morte, lhes honra as cinzas, é a confirmação perenne, a prova irrefragavel das suas altas virtudes cívicas e do seu alevantado feitiço moral, que difficilmente encontrarão par.

Ainda não ha muito, a proposito do fallecimento d'esse queridissimo Rocha Peixoto, quando esta terra se preparava indignamente para receber as suas cinzas illustres, dizia-me um dos meus melhores amigos, que é tambem um dos rapazes mais intelligentes do meu tempo:—«Como é sympathica essa tua Povoia, no amor entranhado que vota aos seus filhos!»

Assim é, na verdade.

E, porque assim é, porque ella nunca esquece, vê-mo-la agora, com a satisfação e a alegria de quem cumpre um dever sagrado, inaugurar o monumento d'esse extraordinario pescador, que n'uma vida de sacrificios heroicos e de abnegações inegalaveis, conquistou, na ala dos benefactores da humanidade, um lugar de superior destaque: d'esse valente marinheiro, que, se de per si, seria o bastante para evidenciar as superiores qualidades de uma raça, que os pessimistas não se cansam de dizer decaente e exhausta.

Honrando-o, muito mais se honra a Povoia a si mesma. E' assim com estes exemplos, que um povo se afirma e radica na consideração e estima universaes.

J. BARROSO



CEGO DO MAIO

O Heroie

Na historia da humanidade apparecem, por vezes, vultos que illuminam brilhantemente as suas paginas, tão poderoso foi o valor das suas acções, tão grandes e esplendrosos foram os registos dos seus heroismos.

A nossa Povoia revela-se e superiorisa-se n'essa historia no vulto sympathico de José Rodrigues Maio.

A nobreza dos seus sentimentos e a lição cívica que nos deu chegaram até nós envoltas n'um nimbo carinhoso e perfumado do seu amor pela humanidade.

De futuro as gerações terão de olhar para o bronze que hojese ergue altaneiro e junto do mar, e ali poderão aprender como um homem despido de preconceitos e de vaidades, modesto e simples, um pescador, conseguiu impor-se á admiração e fazer-se destacar no alto relevo da Historia!

Povoia, Agosto 909.

FRASCO JUNIOR

Como aprendi a veneralo

..... Nas ruas da Povoia havia n'essa noite um movimento desusado e extraordinario. Só um acontecimento notavel poderia dar-lhe motivo, principalmente a horas tão impropias.

Na curiosidade infantil dos meus oito annos, exigi de minha santa mãe a explicação do facto:

—Era o enterro do Cego do Maio, informou.

E, como, ainda mais curioso, quizesse saber quem tinha sido o morto cujo funeral assim despertava a attenção de toda a Povoia, ella entrou a narrar-me, com aquella solicitude e amorosa paciencia que é o apangio das mães, a vida heroica d'esse homem, toda a sua grande odysseia maritima.

Disse das suas luctas titanicas com as alterosas ondas do Oceano em maré de tempestades, das dezenas e dezenas de vidas que ia arrancar á sua furia de Dragão indomito, do seu arrojio só proprio d'um louco ou d'um heroe, do seu modo de viver rude e simples, como os seus arrojados e heroicos feitos eram admirados pela familia real portugueza que via em Cego do Maio a imagem viva da philantropia e da Caridade elevadas a quintessencia, ao maior grau do Sublime.

Eu, que até alli nunca tinha ouvido falar do heroe, mas cujos feitos contados por minha boa mãe com um tal enthusiasmo como se estivera dando-me uma verdadeira lição de educação cívica, despertaram na minha alma infantil os sentimentos do respeito e da veneração pela memoria d'esse grande poveiro que acabava de transpor os hombraes da eternidade—decorei-lhe o seu nome syllaba por syllaba, guardando-o no escriptorio do meu coração com o mesmo fervor e enthusiasmo com que se guarda o nome d'uma pessoa bem amada.

—Era um santo! disse minha mãe.

—Era um santo! repeti como n'um echo.

..... Passava o funeral, solemne, imponente, magestoso — como jámais tenho visto egual na Povoia!

Instinctivamente, como se uma força desconhecida e superior a impulsasse, minha mãe ajoelhou e... ajoelhei tambem.

A memoria do grande morto acabava de gravar-se para sempre no meu coração e principiei a veneralo com tanto respeito como venero a memoria d'aquella que me insuflou na alma tão doce e nobre sentimento.

E já lá vão 26 annos!...

Povoia—26—III—909

JULIO DIAS

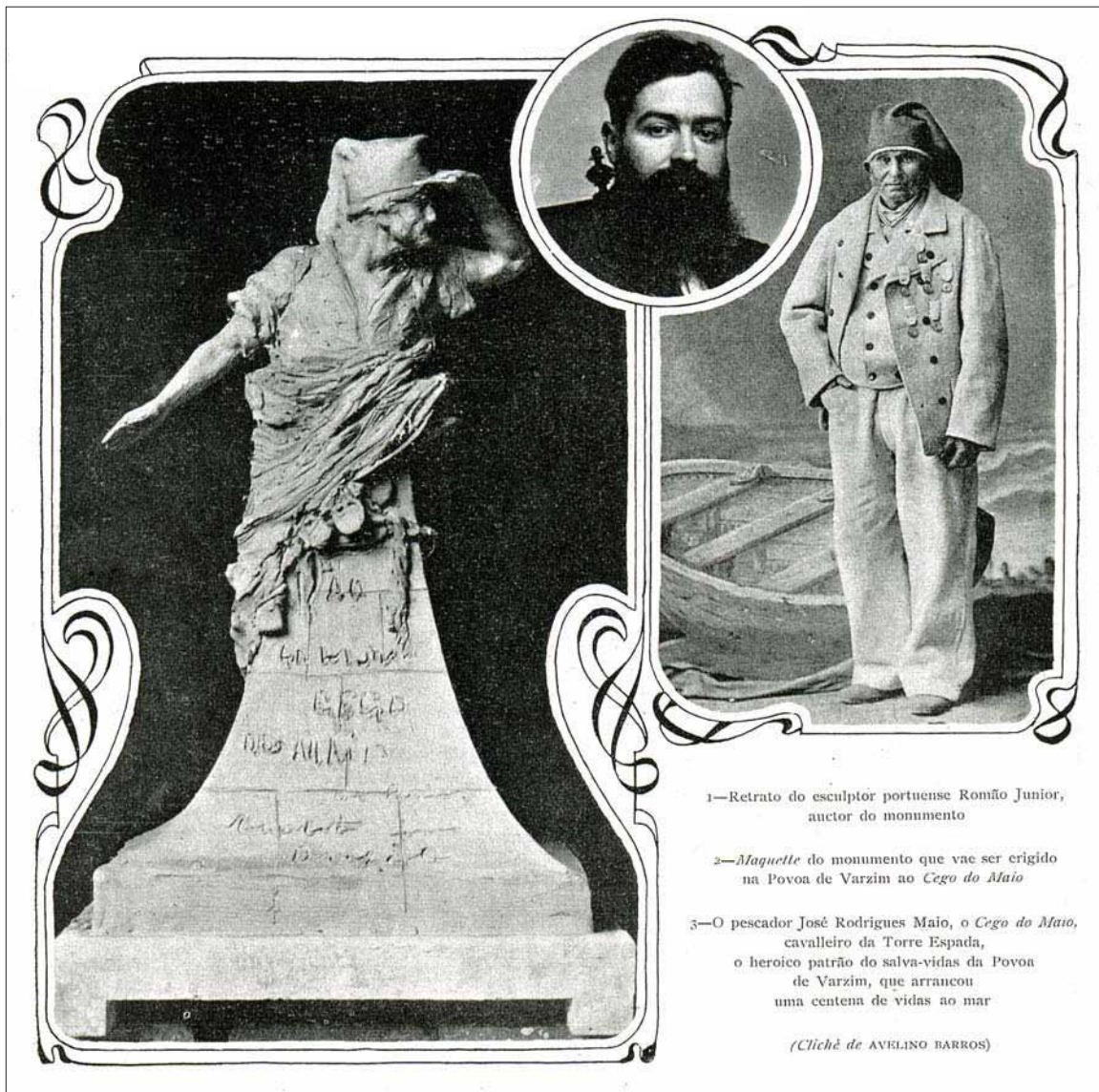


Nada ha que mais nobilite uma terra, nem que mais alto possa levantar-a no conceito dos estranhos, do que a affirmação, por factos, de comprehensão dos seus deveres cívicos para com os que, em vida, eno seu meo, se salientaram entre os seus contemporaneos pelo merito do talento, por actos de benemerencia ou por feitos de heroismo. Para honra sua assim o tem comprehendido a Povoia, que, n'este particular—pode dizelo com legitimo orgulho—vem dando exemplos de um alto e inconfundivel civismo. Se hontem se honrou na consagração feita a Eça de Queiroz, insculpindo em bronze o seu nome, portas a dentro da terra que lhe foi berço, a apontar ás gerações futuras uma das suas mais lindas e autenticas glorias; hoje consagrando em singela mas sincera homenagem a memoria do pescador José Rodrigues Maio—O Cego do Maio—não se honra menos, do mesmo passo que pratica um acto de inteira justiça, e pagando uma inesquecivel divida de gratidão.

E se a modestia do monumento, que ora se ergue, sobranceiro ao mar, fica muito aquem da estatua moral do homenagenado, no que elle foi de benemerente e se desentranhou em heroismos, nem por isso o seu significado ficará sendo de menor valia, a attestar o preito de reconhecimento d'uma povoação agradecida.

28—VII—909.

D. MÓREIRA



In: Figuras e Factos. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: J. J. da Silva Graça, nº154 (1 Fev. 1909), p. 152. Edição Semanal do Jornal O Século.



Inauguração do Monumento a José Rodrigues Maio, da autoria do escultor Romão Junior, erigido em 29 de Agosto de 1909 no antigo *Largo do Conselheiro Campos Henriques*.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, José de – Cego do Maio: a lenda viva do pescador poveiro. **Agenda**. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, (Outubro, 1996), p. 1-11.
- BARBOSA, Jorge da Silva – O Cego do Maio. **Toponímia da Póvoa de Varzim**. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal. Vol. IX, nº1 (1970), p. 107-115 e vol. XIX, nº1 (1980), p. 143.
- BARBOSA, Jorge – O fim do Cego do Maio. **Ala-Arriba**. Póvoa de Varzim: Ala-Arriba. (18 Dezembro 1954), p. 1-4.
- BRAMÃO, D. Alberto – **Últimas recordações**. Lisboa: Adelaide Bramão, 1945. p. 258-259.
- CALAFATE, Caetano Vasques – A primeira medalha do Cego do Maio. **Póvoa de Varzim Boletim Cultural**. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal. Volume I, nº2 (1958), p. 173-180.
- CALAFATE, Caetano Vasques – Um herói do mar: Cego do Maio. **Monumental Casino: 1970: Póvoa de Varzim**. Póvoa de Varzim: SOPETE, 1970, p. [9-13].
- CALAFATE, Caetano Vasques – A primeira medalha do Cego do Maio. In: **Verbo, Vigor e Acção**. Porto: Livraria Aviz, 1966. p. 123-127.
- CALAFATE, Caetano Vasques – A propósito de um herói poveiro: O Cego do Maio. In: **Verbo, Vigor e Acção**. Porto: Livraria Aviz. 1966, p. 491-492.
- CARVALHO, Rogério Calas Oliveira de – **Póvoa de Varzim: história, actualidade, festas da cidade, colectividades, associações, velharias, poesia**. Póvoa de Varzim: Do autor, 1979. p. 84-87.
- Cego do Maio. **A Estrella Povoense**. Póvoa de Varzim: Estrella Povoense. XI Ano, nº583 (26 Junho 1887), p. 2.
- [Cego do Maio]. [Póvoa de Varzim: Biblioteca Municipal, 2002]. 8 p. Compilação de textos fotocopiados a partir de várias fontes.
- ESTEVES, Silva – José Rodrigues Maio. **A Independência**. Póvoa de Varzim: A Independência. 4º Ano, nº159 (3 Janeiro 1885), p. 1.
- GONÇALVES, Flávio – Romão Júnior e o monumento ao Cego do Maio. **O Tripeiro**. Porto: O Tripeiro. 5ª Série, ano IX, nº. 2 (1953), p. 41-45 e **O Comércio da Póvoa de Varzim**. Póvoa de Varzim: O Comércio da Póvoa de Varzim. (7, 14 Ago 1948, 4 e 28 Set 1948, 9, 16 e 23 Out 1948).
- GRAÇA, António dos Santos – **Epopeia dos humildes: para a história trágico-marítima dos poveiros**. Vila Nova de Famalicão: Do autor, 1952. p. 64-73.
- GRAÇA, António dos Santos – A morte do Cego do Maio. **O Comércio da Póvoa de Varzim**. Póvoa de Varzim: O Comércio. (27 Novembro 1954), p. 1.
- Inferno (O): José Rodrigues Maio. **A Independência**. 6º Ano, Nº286 (23 Junho 1887), p. 2.
- José Rodrigues Maio: o grande benemérito da humanidade. **A Estrella Povoense**. Póvoa de Varzim: Estrella Povoense, 15º Ano, nº763 (25 Outubro 1891), p. 1.
- LANDOLT, Cândido – O meu Pantheon: para a história da Póvoa: Cego do Maio. **A Póvoa de Varzim**. Póvoa de Varzim: João Agostinho Landolt. 1º Ano, nº3 (1ª Quinzena Novembro 1911), p. 3-5.
- LANDOLT, Cândido – **O meu Pantheon: onde se acham os Homens que mais engrandeceram a Vila e o concelho da Póvoa de Varzim**. Póvoa de Varzim: Tipografia Landolt, 1912. p. 37-42.
- LIMA, João Baptista de – **Heróis do mar: Cego do Maio: poveiro nº 1**. Póvoa de Varzim: Livraria Académica, 1956. 113 p.
- LOPES, Manuel José Ferreira – Cego do Maio. **Levantamento cultural do país: Póvoa de Varzim**. Póvoa de Varzim: Do autor, [199?]. p. 46.
- LOPES, Manuel José Ferreira – **Para a histórica trágico-marítima dos poveiros. José Rodrigues Maio e a actividade dos Socorros a Náufragos na Póvoa de Varzim. 1817/1884: Exposição**. Póvoa de Varzim: Museu Municipal, 1984. 8 p.
- MALPIQUE, Cruz – O pescador poveiro José Rodrigues Maio. Um paradigma de abnegação e coragem. **Póvoa de Varzim Boletim Cultural**. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal. Vol. XXIV, nº1 (1986), p. 5-26.
- MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira – Requerimento dos poveiros. **Jornal do Comércio**. Lisboa: Jornal do Comércio. (22 Agosto 1882), p. 6-7.
- Monumento ao Cego do Maio: inaugurado em 29 d'Agosto de 1909. **A Póvoa de Varzim**. Póvoa de Varzim: João Agostinho Landolt. 1º Ano, nº22 (2ª Quinzena Agosto 1912), p. 6-8.
- Naufrágio. **A Estrella Povoense**. Póvoa de Varzim: Estrella Povoense. II Ano, nº104 (9 Fevereiro 1879), p. 1-2.
- NOVA, F. – Cego do Maio. **Festas de S. Pedro 89**. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1989. p. 27.
- PÓVOA DE VARZIM. Câmara Municipal – **Actas da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim a partir de 1885, relativas à encomenda de 2 estátuas em homenagem a Francisco de Almada e Mendonça e a José Rodrigues Maio (o Cego do Maio)**. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, [1985]. Exemplar fotocopiado.
- Rádio Onda Viva; SOUSA, José, coment. – **"Filhos Ilustres": Póvoa de Varzim IV: Cego do Maio**. Póvoa de Varzim: Rádio Onda Viva, 2005. 1 disco (CD). Programa "A Nossa Terra", transmitido pela Rádio Onda Viva na Póvoa de Varzim. Responsável pela gravação, Direnor, Braga. Apoio da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- RIBEIRO, Manuela Costa; COSTA, Francisco, il. – **Cego do Maio: anjo da salvação**. Póvoa de Varzim: Meiosdarte, 2005. - [24] p. (Lendas de Portugal ilustradas). ISBN 972-991964-X.
- SIMÕES, Antero – José Rodrigues Maio: um humilde Lobo do Mar. **Nós... somos todos nós: antologia "Portugalidade"**. Luanda: Serviços de Publicações do Comissariado Provincial da Mocidade Portuguesa, II vol (1970). p. 336-339.
- TORRES, Alberto Maria Pinheiro – Eça e o Cego do Maio. **Revista Ala-Arriba**. Póvoa de Varzim: Ala-Arriba. (11 Outubro 1952), p. 1-2.
- VICENTE JÚNIOR, João Nunes – José Rodrigues Maio, o Cego do Maio (1817-1884). **Patrões Célebres**. Lisboa: I.S.N., 1968. p. 19-24.



Catálogo elaborado em 8 de Outubro de 2007, 190 anos após o nascimento de José Rodrigues Maio, "O Cego do Maio".

Os conteúdos deste catálogo encontram-se disponíveis em <http://www.cm-pvarzim.pt/biblioteca>